



## **3ª IDADE NA REDE: FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO PROPORCIONANDO A SOCIALIZAÇÃO**

Gabriela Alves de Freitas – UFRGS<sup>1</sup>  
Liliana Maria Passerino- UFRGS<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve discussão a cerca da socialização que ferramentas digitais podem proporcionar à adultos da terceira idade. Baseado em projeto de pesquisa realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Educação, com apoio do CNPq; explora como um grupo de idosos que, gradativamente foram apresentados a ferramentas de comunicação digital, às encaram e as agregam nos seus dias.

**Palavras-chave:** Ferramentas de comunicação; Terceira idade; Adultos idosos; Interação.

### **INTRODUÇÃO**

A era digital tomou forma na década de 90, mas foi no início do século XXI que esta se tornou essencial à sociedade moderna. Contudo, mesmo em pleno mundo contemporâneo, do avanço tecnológico e do ciberespaço, grande parte da população vive à margem desta realidade, sendo excluída dessas novidades e facilidades, como o acesso à tecnologia. Dentre estes excluídos do mundo digital, estão os adultos idosos, que encontram dificuldades em se afirmar e de se posicionar frente a estas novas práticas culturais no ciberespaço.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o envelhecimento pode ser classificado em quatro estágios: meia idade, idoso, ancião e velhice extrema. Para este estudo, considera-se o idoso como foco principal de investigação. Para a OMS o idoso é o sujeito que se encontra na faixa etária entre 60 e 74 anos (PAULO; TIJIBOY, 2005).

Este estudo se baseou nas informações obtidas através do projeto de iniciação científica vinculado ao CNPq, FAPERGS e à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), *Inclusão, Redes Sociais e Aprendizagem de Adultos Idosos no Ciberespaço*. De junho de 2010 a novembro de 2011 promoveu-se a oportunidade para que um grupo de adultos idosos pudesse explorar diversas ferramentas de comunicação virtual. A

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de pós-graduação em Marketing. Email: gabifreitas08@yahoo.com.

<sup>2</sup> Pesquisadora e professora da Faculdade de Educação/CINTED/PPGIE. Email: liliana@cinted.ufrgs.br

partir destas interações, observou-se de que forma estes adultos utilizavam estas ferramentas, como estas eram percebidas por eles e também de que forma se dava a interação entre seus integrantes, presencialmente e virtualmente.

Para este artigo em específico será abordado de que forma as ferramentas de comunicação podem promover uma oportunidade de socialização entre adultos idosos, bem como de que forma este público percebe este universo das novas tecnologias.

Assim, com uma nova conjuntura, se começa a olhar com outros olhos os sujeitos que, por questões financeiras ou sociais, não fazem parte deste universo virtual, o qual rege nossas ações hoje em dia. Como objeto de estudo, temos os sujeitos idosos, e com isso, me pergunto por que adultos idosos possuem dificuldades em interagir com o universo virtual, e como isto afeta o processo comunicacional através deste meio? Por que se sentem rejeitados, como se as novas ferramentas não fizessem parte do seu mundo? E qual a importância destas experiências para os adultos idosos?

Para desenvolver este estudo, utilizou-se como metodologia o estudo de caso. Este se deu através de análise do projeto *Inclusão, Redes Sociais e Aprendizagem de Adultos Idosos no Ciberespaço*, e apropriação de dados levantados pela equipe pesquisadora. Como ferramenta a complementar ao estudo de caso, utilizou-se a pesquisa bibliográfica.

Peixoto e Clavairolle (2005) comentam que um novo perfil surge de adultos idosos que percebem a importância deste fenômeno para suas vidas. Entretanto, as autoras expõem que a terceira idade é dissociada do termo “novas tecnologias”, o que coloca este público no limbo. Enquanto os valores subliminares percebidos na internet não levam em consideração este público, colocando a idade como limitadora, e defendendo que este é um interesse dos jovens, estes adultos idosos, que sim, se interessam por esta tecnologia, automaticamente se percebem excluídos deste universo, escutando corriqueiramente: “você não entende”; “vai estragar”.

Suzana Azevedo (2010) traz o conceito de relações interpessoais, e como compreendê-la se torna um desafio a todos, mas que, entretanto, se fundamenta em perceber o outro e aprender a conviver com as semelhanças e as diferenças. Deste modo, este estudo auxiliará na análise de como este público se coloca frente às ditas “novas tecnologias” e como se dá a comunicação mediada (interação) através deste meio. Para este projeto, pretendeu-se observar a relação estabelecida entre sujeitos no ciberespaço, bem como os laços gerados direta ou indiretamente pelas suas ações.

Como afirma Pinho (2003), a internet é uma ferramenta emergente no país e se difere das mídias tradicionais, assim, investir nesta nova ferramenta é apostar no futuro, num

universo em que o receptor já está saturado dos meios tradicionais de se comunicar e, cada vez mais, busca alternativas. Esta pesquisa ainda ressalta o surgimento de um novo conceito, um novo perfil da terceira idade no Brasil e no mundo, e assim, aventurar-se a compreender esta realidade e identificar os gostos e comportamentos de um público em potencial os quais servirão de subsídio para repensar as ações de comunicação de organizações no ciberespaço.

## **A TERCEIRA IDADE**

O interesse dos adultos idosos pela inclusão digital surge da necessidade de se inserirem na sociedade moderna, de não se sentirem marginalizados perante esta e, como forma de aproximação da família e amigos de gerações mais novas. Em estudos anteriores do grupo de pesquisa da UFRGS (PASSERINO; MONTARDO, 2007; PASSERINO; MONTARDO; BENKENSTEIN, 2007; MONTARDO; PASSERINO; BEZ, 2008; entre outros), foi constatado que as tecnologias não são apropriadas de forma uniforme por todos os grupos sociais. Pelo contrário, tais grupos as utilizam como ferramentas culturais em práticas que se configuram de forma diferente. No caso da socialização mediada por tecnologias, as redes sociais configuram-se de acordo com variáveis sócio-históricas, individuais e culturais através das quais os indivíduos se organizam. A seguir serão apresentadas características que representam este público, bem como sua relação com o mercado econômico e a comunicação.

No mundo contemporâneo em que se valoriza o novo, o rápido e o diferente, percebemos uma inversão de papéis em situações corriqueiras. Nos primeiros séculos o idoso era reconhecido como o chefe dominante de uma família ou grupo – que por ser o mais velho detinha em suas mãos o poder do conhecimento e experiência adquiridos – justamente devido ao acúmulo de anos vividos (BLESSMANN, 2004).

Entretanto, no século XIX para XX, devido à aceleração industrial e tecnológica e ao aquecimento da economia, o padrão de vida da sociedade foi se transformando. Nesta corrida tecnológica e de crescimento econômico, o interesse centra-se na alta produtividade, menores riscos e maiores lucros. O jovem se torna o foco – mão de obra barata, pela sua inexperiência, disposição, ávido por conhecimento e que, rapidamente, se adaptará e absorverá o que uma organização necessita. Estes jovens criativos que nasceram em uma era diferente, são definidos por números e gráficos, e englobam numa só pessoa a compreensão de diversas linguagens e conceitos, como seres “multiuso”. Estes, por assim dizer, vão transformando o perfil do mercado, o qual não vê mais interesse em pessoas com mais idade e, talvez, limitações tais como a falta de afinidade por artefatos tecnológicos multitarefas.

Ao longo dos anos, o papel do cuidador, do detentor do saber e da ordem foram se invertendo, fazendo com que as ações, a visão e os valores da sociedade perante dois grupos específicos – “o jovem e o velho” – se alterasse. A atenção da sociedade mudou de foco, valorizando a pessoa jovem, a vontade de aprender, crescer e conquistar espaço com a necessidade econômica de progresso, baixos custos e lucros altos. Desta forma, com o avanço da tecnologia e o crescimento do mercado econômico, novas medidas foram tomadas pelos governos e sociedades civis que possibilitaram o aumento da qualidade de vida da população.

De forma cíclica,

[...] os ganhos sobre a mortalidade e, como consequência, os aumentos da expectativa de vida, associam-se à relativa melhoria no acesso da população aos serviços de saúde, às campanhas nacionais de vacinação, aos avanços tecnológicos da medicina, ao aumento do número de atendimentos pré-natais, bem como o acompanhamento clínico do recém-nascido e o incentivo ao aleitamento materno, ao aumento do nível de escolaridade da população, aos investimentos na infra-estrutura de saneamento básico e à percepção dos indivíduos com relação às enfermidades (IBGE, 2008, p. 57).

Desta forma, percebe-se que um novo perfil de família está se constituindo. Nesta nova configuração, os jovens saem de casa o quanto antes em busca de independência financeira e social formando, assim, novos núcleos familiares cada vez mais jovens, ao passo que, os membros mais velhos acabam permanecendo em suas cidades de origem, onde criaram suas próprias famílias e estabeleceram seus laços, ou então, sendo “exilados” do convívio familiar em casas de repouso (Fundação Perseu Abramo, 2007). De acordo com pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo (2007), o número elevado de pessoas idosas no interior dos estados e em zonas menos desenvolvidas se dá pela questão da busca dos mais novos por oportunidades melhores que ajudariam no sustento das famílias. Frente à esta configuração, é preciso repensar os padrões dos serviços oferecidos, a fim de que a economia acompanhe este novo padrão.

Deste modo, sabendo que se espera um aumento considerável no volume de adultos idosos, novas medidas deverão ser tomadas de modo a valorizar este público, bem como dispor de ações específicas que atendam suas necessidades.

No que diz respeito ao fator econômico e o interesse que ronda estes indivíduos, Junges (2004, p. 123) comenta que, “constata-se que, por um lado, a ciência busca a realização do sonho da imortalidade, mas, por outro lado, a economia aponta para a inutilidade do idoso reduzido à sua condição de puro consumidor de produtos que prometem longevidade”.

Entretanto, o idoso busca algo a mais do que somente produtos que os façam viver mais. Eles querem pertencer a um grupo, querem sentir-se úteis. Guidetti e Pereira (2008) afirmam que o envelhecimento não é somente uma questão que atinge o aspecto físico do ser humano, mas também, uma questão psíquica que atinge às relações sociais. Deste modo, o envelhecimento é corriqueiro e natural ao desenvolvimento da vida. Por ser compreendido como inevitável e sendo o destino do homem, pode-se observar, também, que está sujeito à implicações do ambiente em que se insere, bem como, de sua bagagem sociocultural. Sendo assim, estes indivíduos estão suscetíveis às escolhas dos mais novos, como o que lhes são disponibilizados e onde viverão.

### **RELAÇÕES DE COMUNICAÇÃO NA 3ª IDADE**

O envelhecimento não é apenas um fator da evolução da idade e um fator biológico; é, também, uma mudança de caráter social e demográfico. Por ser compreendido como inevitável, e sendo o destino do homem, pode-se observar, também, que está sujeita à implicações do ambiente em que o sujeito está inserido, bem como de sua bagagem sócio-cultural. “Se a velhice é o destino biológico do homem, ela é vivida de forma muito variável consoante o contexto em que se insere” (GUIDETTI; PEREIRA, 2008, p. 120).

Neste mundo acelerado em que o trabalho e as tarefas estão tomando o lugar das relações sociais, e com as pessoas abdicando do convívio com seus familiares, seja por falta de tempo, seja por falta de condições financeiras e/ ou emocionais, os idosos acabam buscando meios alternativos de convivência.

Em sua pesquisa com idosos institucionalizados, Guidetti e Pereira (2008, p. 122) citam Bock (2003), que afirma que a “linguagem não é somente um instrumento de comunicação, ela é um instrumento socializador, um mediador das relações entre o ser humano e o mundo”. Deste modo, para estas pessoas que, por longo período de tempo, foram ativas e envolvidas com diversas atividades, por questões biológicas – e talvez físicas – se vêm afastadas do convívio social, rumando, então, para um auto-isolamento. Encontrar-se nesta realidade após anos de convívio diário com pessoas conhecidas e de uma rotina ativa, acaba fazendo com que estas pessoas se fechem e afastem os novos indivíduos que ingressam nas suas vidas, como colegas de quarto, enfermeiros, etc.

A comunicação é mais que linguagens, gestos e falas. É um meio de troca de mensagens. É o modo como adultos idosos e outras pessoas possuem para interagir e se fazer entender. Quando desprovidas destes meios, as pessoas acabam “se fechando”, construindo barreiras em volta de si, não se permitindo dividir e se relacionar com outros. Na pesquisa

desenvolvida pelas autoras com um grupo de sujeitos residentes em instituições, os adultos idosos colocados em situações de privação do contato familiar acabam, também, se privando de outros contatos.

Com isso, o meio virtual pode ser considerado uma alternativa a realidade em que estão inseridos. Por apresentar diversas atividades possíveis – desde conversar e interagir com pessoas, a se distrair com jogos e vídeos, e a aprender com blogs e sites, o meio virtual é um meio acessível a este público, de maneira a não se sentirem isolados da sociedade. Nem todos se acomodam e se resiliam, pois o próprio indivíduo é o maior responsável pela sua vida, querer ou não mudar a realidade, depende apenas de si mesmo.

### **INTERAÇÃO ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO**

Pensar a interação mediada pelo computador do ponto de vista do equipamento e as conexões necessárias para que se torne ativo e disponível para o manuseio, é possuir uma visão míope no que diz respeito às possibilidades que estas ferramentas podem possibilitar à interação humana.

Primo (2007) defende que do ponto de vista da interação mediada pelo computador, diversos autores realizam estudos tecnicistas, ou seja, se limitam ao contato humano-máquina; máquina-máquina, não aprofundando nas questões que envolvem a possibilidade de interação homem-homem. Claro, que estudar as características técnicas e funcionais das ferramentas é, em muito, necessário a fim de se compreender e promover a evolução destas ferramentas. Entretanto, não é só isso. Tendo em vista que a interação vai além das ferramentas, além da interação *com*, deve ser analisada também a interação *através* (grifo da autora) da ferramenta. Deste modo, Primo (2007, p. 30) afirma que “reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos, em qualquer situação interativa, é desprezar a complexidade do processo de interação mediada”.

Neste sentido, Lippman (1998 *apud* PRIMO, 2007), diretor do Media Lab do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) defende que a interatividade é algo no qual se necessitam dois agentes que realizam uma atividade mútua com ou sem um objetivo final comum.

Em uma análise mais aprofundada, então, da interação por meio de ferramentas, Primo (2007) propõe dois tipos de interação: a mútua e a interativa. A interação mútua consiste na relação em que ambos atores participam, sendo ambos responsáveis pela construção do relacionamento, podendo ser observada, por exemplo, em bate-papos, em chats e conversas cultivadas através de email. A interação de caráter reativo é mais limitada, definida por

interações determinadas de estímulo e resposta, como clicar em um link ou jogar um jogo. Ambos os conceitos são contrastantes. Contudo, a interação mútua abarca o fator de que, por estar em constante construção, um ator influencia no comportamento do outro, fazendo, assim, com que cada relacionamento seja único e imprevisível.

A socialização a partir da interação,

[...] apenas se apresenta quando os indivíduos adotam formas de cooperação e colaboração, formando uma unidade; quando a vida deles adquire a forma da influência mútua; quando se produz uma ação de uns sobre os outros (imediatamente ou mesmo através de um terceiro). Logo, não basta a coexistência espacial (PRIMO, 2007, p. 77).

Defendida por Paul Watzlawick, Janer Beavin e Don Jackson (1967), e fugindo de uma visão tecnicista do estudo da interação, os autores perceberam que a interação é mais que uma mera troca, e, assim, defendem que a comunicação ocorre entre pessoas, e não, dentro delas.

Com este mesmo foco, Firmino (2005) reforça que a interação realizada no ciberespaço vem reforçar nosso instinto de socialização, agregando novas possibilidades, e não, nos privando das interações físicas como se percebe no discurso de muitos indivíduos.

[...] o advento da Comunicação Mediada por Computador (CMC) não veio aniquilar o desejo interativo do ser humano, outrossim, apenas vem reforçando, colocando num patamar diverso do tradicional, o hábito milenar de conversar, conquanto tenhamos encarnado no meio eletrônico a faceta mais notória e livre da conversação: o bate-papo (FIRMINO, 2005, p. 39).

O autor coloca que o diálogo entre indivíduos é essencial para o desenrolar da vida, fazendo com que se busque formas de facilitar e concretizar esta ação. Fisher coloca que “a comunicação é o relacionamento que os parceiros criam através da interação” (FISHER, 1987 *apud* PRIMO, 2007, p. 82). Compreende-se, então, que o relacionamento advém da interação e da comunicação estabelecida entre os sujeitos como um todo, e não individualmente.

## **O IDOSO E A TECNOLOGIA**

O grupo de terceira idade é constituído por pessoas que, após uma vida intensa como membros ativos da sociedade, padecem de uma realidade contundente – são vistos como um peso que atrasa o ritmo alucinante do nosso cotidiano, e que possuem dificuldade de encontrar um espaço na comunidade. Este grupo de sujeitos cresceu e se desenvolveu em um mundo muito distinto do que encontramos atualmente, o que faz com que, em muitos momentos, se

sintam deslocados e impotentes frente a tantas mudanças, tais como aquelas geradas pelas chamadas novas tecnologias. Estas, com apelo da modernidade, trazem a promessa de facilitar vidas, de economizar tempo e de potencializar diversas atividades. Entretanto, como se sujeitar a esta realidade quando é tão desconhecida?

Segundo Peixoto e Clavairolle (2005, p. 15), “no imaginário social contemporâneo, as novas tecnologias são sistematicamente associadas à juventude, dando a impressão de que somente os jovens são competentes para lidar com o universo tecnológico.” As autoras, ao desenvolverem estudo no município de Verrières-Le-Buisson na França, verificaram como os adultos idosos sentiam e percebiam as ditas “novas tecnologias”. Frente às disposições, observaram a concepção do que são consideradas novas tecnologias para este grupo: desde a internet ao microondas. A percepção deste fator advém da questão de que, o que é novo e diferente do que aprenderam, do que cresceram fazendo, é considerado uma nova tecnologia por estes sujeitos. Por esta razão, dissocia-se as novas tecnologias da 3ª idade, alegando que suas percepções, valores e interesses são distintos dos jovens e que, então, não compreenderão suas reais utilizações.

Com opiniões diversas, como é de se esperar em todos os grupos de indivíduos, pode-se observar nos adultos idosos três subgrupos que apresentam opiniões distintas acerca desta questão. Existem sujeitos que adotam esta nova realidade e a percebem como benéfica e possível. Tentam entender e aprender a utilizar novas ferramentas a fim de se sentirem incluídos na sociedade, de pertencerem ao mundo contemporâneo. Há, também, aqueles que reconhecem o benefício destas tecnologias como, por exemplo, pagar contas pelo telefone ou internet, mas acreditam que, do jeito que sempre fizeram é melhor; ainda preferem ir ao banco, manter a rotina, não recriminando, claro, quem usufrui destes recursos. O terceiro grupo, entretanto, apresenta um caráter distinto. São aquelas pessoas que não entendem estas novas tecnologias, não querem aprender e possuem a imagem de que isso é para pessoas mais novas e, que não lhes diz respeito.

Quanto aos últimos dois grupos, percebe-se outro fator, que está interligado diretamente à realidade dos adultos idosos, o do pertencimento e inclusão. Sabe-se que adultos idosos são tidos, há muito tempo, como um grupo renegado, pessoas que após a vida produtiva não servem mais à sociedade. Razão esta, por que vemos tantos idosos abandonados em clínicas e casas de descanso, pois a família não tem o tempo ou o interesse de cuidar destas pessoas. Há alguns anos, víamos pouquíssimas pessoas idosas na rua, nos shoppings, nos transportes públicos; realidade que vem se alterando nas últimas décadas, ao passo que, com o avanço da medicina, há um crescimento expressivo desta parcela da população. Assim,

os idosos estão ativos por mais tempo e acabam almejando novos objetivos para quando se chegar a esta faixa de idade.

Peixoto e Clavairolle (2005) trazem o conceito de objetos e processos técnicos. Contudo, nem todos os objetos e processos tecnológicos são - bem - aceitos. Aqueles artefatos que acabam indo contra o que os adultos idosos defendem, conhecem e acreditam, não são bem quistos, pois restringem as relações, a interação e o envolvimento com o que conhecem. Como por exemplo, as comidas pré-prontas e congeladas. Em seu estudo, as autoras verificaram que, apesar destes produtos proporcionarem comodidade, sujeitos idosos não os viam com bons olhos, pois assim, seria alterada uma de suas rotinas, que é ir ao mercado e à feira, momentos em que podem socializar com outras pessoas. Este público é a favor da mudança, entretanto, está mais propenso àquelas mudanças que irão agregar mais valor e inovação ao que já estão acostumados a fazer e não necessariamente/somente à modificar suas ações.

A introdução de uma nova tecnologia depende tanto do que é ofertado e das condições da proposta, quanto da sua aceitação ou mesmo da sua demanda. Nesta perspectiva, as pessoas de mais idade são percebidas como atores que elaboram estratégias de utilização ou de recusa da inovação técnica, não se deixando pressionar e impressionar pela evolução tecnológica da sociedade a que pertencem (PEIXOTO; CLAVAIROLLE, 2005, p. 17).

Neste sentido, estas “novas tecnologias” - seja um telefone celular, um computador ou um microondas - aparecem como uma ferramenta, um objeto único, e sua utilização por este público virá da experiência que tiver com este artefato e do contexto no qual este será apresentado, do seu poder de sedução, do interesse que despertar, etc. Os adultos idosos possuem a opção de usar ou não. Esta decisão se baseará no que percebem e entendem como importante para o seu dia a dia e para o grupo em que estão inseridos.

A tecnologia proporciona um meio de contribuir com a interação entre pessoas, como por exemplo, o idoso pode adotar o uso da internet para se comunicar com amigos e familiares. Assim, não somente irá receber notícias, mas também poderá vê-los e escutá-los, fazendo com que se sinta parte da vida destas pessoas, mesmo estando longe. Portanto, embora muitos idosos vejam o computador como algo delicado e fora de suas condições e habilidades, frente a um dilema como a distância de um ente querido, acabam se colocando à prova, e tentando compreender seu emprego.

Para visualizar as questões aqui levantadas, será apresentado a seguir o estudo de caso desenvolvido, que pretende responder, ainda que parcialmente, ou ainda que de modo abrangente, aos questionamentos desta pesquisa.

## ESTUDO DE CASO

De forma a poder avaliar uma evolução no aprendizado e apropriação das ferramentas tecnológicas e virtuais, foi realizada uma comparação de dados, tendo como base as ações destes indivíduos em 2010 com seu posicionamento em 2011.

Como início das discussões, bem como, de forma a conhecer o público que se estava observando, verificou-se que, em 2010, aproximadamente 17% dos sujeitos utilizavam o computador de forma ocasional, ao passo que, em 2011, 100% dos sujeitos utilizam todos os dias. Quanto à ferramenta em si, apenas dois indivíduos não possuem equipamento próprio, tendo que dividí-lo, assim, com os demais familiares com quem convivem.

Quando perguntados sobre quais são as principais atividades que realizam no computador, em 2010, 83,33% indicavam ‘navegar na internet’ como principal atividade, enquanto 66,66% indicavam enviar emails e ninguém mencionou participar de comunidades online ou redes sociais. Quanto a esta mesma indagação, em 2011, 100% dos sujeitos faz plenos usos destas ferramentas e ações, todos utilizam emails, navegam na internet e são membros de comunidades e redes sociais.

Como o foco deste estudo é a interação em meio virtual, realizou-se, então, um levantamento acerca das principais ferramentas de comunicação virtual e por quais destas os adultos idosos possuem preferência.

**Tabela 1 - Ferramentas de comunicação**

<b>Tipo de ferramenta</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>
E-mail	4	6
Blog	0	1*
Orkut	1	6
Facebook	0	4
MSN	0	4
Twitter	0	1

(\*) Todos tiveram acesso ao blog, entraram e conheceram a ferramenta. Entretanto, apenas um indivíduo deu continuidade à utilização da ferramenta. Contudo, ao tomar conhecimento da funcionalidade desta ferramenta, os sujeitos começaram a buscar blogs de seus interesses para, assim, incrementar sua navegação no ciberespaço.

Fonte: FREITAS, 2011

Baseado nos dados expostos na tabela 1 é possível visualizar a evolução da utilização de ferramentas de comunicação virtual por parte destes sujeitos, uma vez que estes conseguiram se apropriar de tais meios, inclusive, buscando outras redes além das que eram propostas pelos pesquisadores. No começo dos encontros, os sujeitos pouco interagiam com a ferramenta, seja por receio de estragar o equipamento, seja por desconhecimento de sua funcionalidade. Por meio de atividades diversas, buscou-se inserí-los no meio virtual demonstrando que podem utilizá-la sem receio algum.

Esta busca por novos meios e possibilidades acabou gerando uma navegação involuntária<sup>3</sup>, à medida que, mesmo não sendo o objeto de estudo do momento, a ação de buscar vídeos, músicas e determinados assuntos acaba levando-os a diversos outros meios – blogs e sites, onde encontravam outras informações de seu interesse. Este método deu segurança a eles, que passaram a buscar mais e a, realmente, usufruir do que o ciberespaço pode proporcionar. A seguir, um exemplo desta interação:

**Fórum: 29 de maio de 2011**

Postado por: Pesquisador A

**Título: Alimentos que ajudam a concentração e memória**

Oi,

estava lendo esta matéria sobre alimentos que ajudam na concentração e memória. Achei bem legal!

[http://www.minhavidacom.br/conteudo/13193-Conheca-os-alimentos-amigos-da-concentracao-e-da-memoria.htm?utm\\_source=news\\_mv&utm\\_medium=alimentacao&utm\\_campaign=11\\_05\\_12%22](http://www.minhavidacom.br/conteudo/13193-Conheca-os-alimentos-amigos-da-concentracao-e-da-memoria.htm?utm_source=news_mv&utm_medium=alimentacao&utm_campaign=11_05_12%22)

Sujeito C 1º/06/2011

**Alimentos que ajudam na concentração e na memória**

Olá Pesquisador A!

Muito boa a matéria que recomendaste para nosso grupo.

Sempre é hora de se fazer uma boa reciclagem .

Valeu! De minha parte, obrigada!

Sujeito A – 14/06/2011

**alimentos**

OLA Pesquisador A ahei muinto interessante vamos trabahar neste sentido abs

**Quadro 1 - Recorte do fórum da comunidade 3Idade do Orkut.**

Obs.: os nomes dos indivíduos foram substituídos para fins de sigilo.

Fonte: 3idade (2011a).

<sup>3</sup> Navegação involuntária consiste na ação exercida pelos indivíduos enquanto no meio virtual. Em busca por determinada temática, acabam por entrar em diversos outros endereços, blogs e sites, fazendo com que os sujeitos naveguem por estes espaços sem perceber (FREITAS; OLIVEIRA; MACIEL, 2011).

Em sua análise do gênero oral do discurso, Vieira (2005) comenta que há uma tendência em se basear no modelo de escrita deixado em fóruns de discussão, bem como deixar o recado de forma rápida e despreocupada, o que faz com que não se revise o que se escreve. Deste modo, percebe-se nas colocações dos sujeitos, estas características citadas pela autora. Também, por apresentarem maior dificuldade em interagir com a ferramenta – a interface apresentada, tela, mouse e teclado (KACHAR, 2003) – os adultos idosos tendem a não realizar esta revisão de suas colocações, o que resulta em textos equivocados e, algumas vezes, sem sentido.

Ao longo dos encontros, aconteceu um aprimoramento das interações. Promovendo discussões, os sujeitos conseguiram se expressar muito bem e, realmente, se comunicar com o grupo. Sentindo-se à vontade, relataram suas histórias e o porquê de suas ações e opiniões. Independente do seu passado, o discurso era muito semelhante, estavam ali, e queriam estar ali, para aprender e poder se afirmar frente aos amigos e familiares provando que, eles também, podem lidar com as novas tecnologias; o que já foi referido em estudos anteriores, como a inclusão social e digital deste público (FREITAS; OLIVEIRA; MACIEL, 2011).

Os adultos idosos veem a tecnologia e as ferramentas digitais como algo favorável e necessário. Acreditam que sua utilização pode trazer benefícios e melhorar a qualidade de vida, no sentido de que proporciona o acesso à informações e serviços que não encontram em suas residências. Não só para questões domésticas ou relacionadas à finanças, o ciberespaço é percebido por estes indivíduos como um meio de distração e socialização (KACHAR, 2003).

Kachar (2003) coloca ainda que o adulto idoso cria em torno da tecnologia uma imagem de onipotência, que, aos poucos, vai se desmistificando. Eles percebem uma “[...] grande necessidade de inserir-se na dinâmica atual, de sentir-se incluído, envolvido no processo de desenvolvimento da sociedade e conectado ao mundo moderno” (KACHAR, 2003, p. 152).

Com os dados levantados e as observações feitas durante este período, percebe-se uma alteração na representação que estes sujeitos tinham de si mesmos. Muitos chegaram com uma imagem deteriorada, limitando suas capacidades:

**Sujeito A:** “Eu sou um cego, burro e mudo. Então você tem que fazer para eu ver. Em outras palavras, eu tenho que aprender decorando. Eu não aprendo com raciocínio, viu. Oh, por exemplo, eu tenho dificuldade em desenho. Entendeu como é que é? Tem gente que vê o desenho e pronto, já sabe como fazer”.

Blessmann (2004) dialoga com a questão da personalidade do indivíduo, da questão da efemeridade desta – que o indivíduo possui uma imagem degradada e a importância de se mudar a realidade. Os próprios idosos possuem uma imagem pré-concebida do que é ser idoso. Muitas vezes, esta imagem não condiz com sua própria realidade. “A aceitação da velhice não como um sentimento, mas como uma etapa da vida, implica em um reposicionamento de seus valores, implica em um voltar-se para dentro de si mesmo” (BLESSMANN, 2004, p. 33).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O idoso deve se perceber como agente atuante na sociedade e partir para o reposicionamento de sua pessoa, de se apropriar dos espaços em que se vê atuante e que acredita poder agregar conhecimento e valor. Ao se sentirem mais confiantes frente às suas capacidades de apropriação das ferramentas (KACHAR, 2003), o adulto idoso se torna mais receptivo às informações que encontra no ciberespaço.

Percebeu-se, nos encontros presenciais, a dificuldade de entendimento da terminologia utilizada no mundo virtual, por parte destes sujeitos. Em discussão com o grupo de pesquisadores, concluiu-se que este fator acontece devido à vivência e bagagem sócio-cultural destas pessoas. A linguagem utilizada no mundo virtual não é a mesma que eles utilizam no cotidiano, não é algo usual. Apesar do preceito de que as novas tecnologias são para o uso de todos, a concepção destas, muitas vezes, não são pensadas levando em consideração as limitações de determinada parcela da população.

Diante da experiência de se utilizar ferramentas de comunicação virtuais, fica claro que os adultos idosos podem se inserir neste novo mundo virtual. Na medida em que os adultos idosos apresentam uma evolução no uso e no modo como agem na rede, é possível perceber o que as novas tecnologias podem sim ser utilizadas como um meio alternativo de socialização, de forma que este proporciona novas formas de se relacionar e de encontrar outros indivíduos nos quais os adultos idosos podem se identificar.

Os adultos idosos, frente às novas tecnologias, as compreendem como algo destinado aos jovens. Contudo, reconhecem que estas mesmas tecnologias vieram para facilitar a vida e, por esta razão, também podem ser utilizadas por eles. Eles enfrentam dificuldades por não fazerem parte desta realidade; por seu conhecimento e experiências de vida serem distintas; e por apresentar uma linguagem na qual não estão familiarizados.

Ao procurar participar deste tipo de experiência, de grupos de iguais que buscam objetivos comuns, o adulto idoso busca criar novos laços relacionais, no momento em que familiares e amigos não fazem mais parte do convívio, ou então, não dispõem a atenção que necessitam.

Sandini (2010) comenta que a internet pode ser considerada o quarto meio de comunicação, que chegou para revolucionar e que tem igual poder – se não mais – que os meios conhecidos como tradicionais, a imprensa, rádio e televisão. Esta tecnologia veio para envolver, para romper barreiras. As tecnologias de informação e comunicação possuem como desafio incluir este público em práticas culturais significativas que possibilitem a estes usuários novas formas de aprendizado e habilidades para lidar, de forma geral, com esta ferramenta e tudo o que ela possibilita.

Ao longo da pesquisa, observou-se que os adultos idosos utilizam as ferramentas disponíveis no mundo virtual, na maior parte do tempo, para a socialização, que como meio informacional. Apesar de não demonstrarem plena apropriação das ferramentas digitais, os adultos idosos a percebem como fator essencial na vida cotidiana da atual sociedade.

## REFERÊNCIAS

3IDADE (comunidade). Alimentos que ajudam a concentração e memória. In: **ORKUT** (rede social on-line). [S.l.:s.n.], tópico postado em: maio/jun. 2011a. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 06 jul. 2011.

AZEVEDO, Susana Gib. Relações interpessoais e trabalho. In: DORNELLES, Souvenir Maria Graczyk (Org.). **Relações públicas: construindo relacionamentos estratégicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. v. 2. p. 43-52.

BLESSMANN, Eliane Jost. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 21-40, 2004.

D'AZEVEDO, Martha Alves. **Relações públicas: teoria e processo**. Porto Alegre: Sulinas, 1971.

ESTEVES, Priscila Silva; SLONGO, Luis Antonio. O crescimento da terceira idade: necessidade de adaptações no mercado. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 12., 2009, São Paulo. **Anais do XII SemeAd: empreendedorismo e inovação**. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/950.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2011.

FIRMINO, Júlio César Ferreira. Formas associativas existentes nas salas de bate-papo. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Orgs.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 39-47.

FREITAS, Gabriela Alves de. **ADULTOS IDOSOS DO CIBERESPAÇO: Interação e Relacionamento no Mundo Virtual**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 79 f. Trabalho de conclusão de curso - Comunicação Social da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FREITAS, Gabriela Alves de; OLIVEIRA, Karoline L. G. de; MACIEL, Márcia C. Peres. Uso de ferramentas virtuais pela terceira idade: novas práticas de letramento. In: ENCONTRO NACIONAL DE HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS, 4., Sorocaba. **Anais do IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais**. Disponível em: <[http://www.uniso.br/ead/hipertexto/anais/39\\_GabrielaFreitas.pdf](http://www.uniso.br/ead/hipertexto/anais/39_GabrielaFreitas.pdf)>. Acesso em: 07 set. 2011.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade**. [s. l.], 2007. Disponível em: <[http://www2.fpa.org.br/uploads/1\\_perfil\\_sociodemografico\\_idosos\\_brasileiros.pdf](http://www2.fpa.org.br/uploads/1_perfil_sociodemografico_idosos_brasileiros.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2011.

GUIDETTI, Andréia Arruda; PEREIRA, Aline dos Santos. A importância da comunicação na socialização dos idosos. **Revista de Educação**, Valinhos (SP), v. XI, n. 11, 2008. Disponível em: <<http://sare.ananguera.com/index.php/reduc/article/view/168/165>>. Acesso em: 04 set. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade - 1980-2050: Revisão 2008**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao/projecao\\_da\\_populacao/2008/projecao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao/projecao_da_populacao/2008/projecao.pdf)>. Acesso em: 04 set. 2011

JUNGES, José Roque. Uma leitura crítica da situação do idoso no atual contexto sociocultural. **Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 123-144, 2004.

KACHAR, Vitória. **Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidade**. São Paulo: Cortez, 2003.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria; BEZ, Maria Rosângela. Acessibilidade digital em blogs: limites e possibilidades para socialização on-line de Pessoas com Necessidades Especiais (PNE). **Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, Aracaju, v. X, p. 1-16, 2008.

PASSERINO, Liliana Maria; MONTARDO, Sandra Portella. Inclusão social via acessibilidade digital: proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais (PNE). **E-Compós**, Brasília, v. 8, p. 1-18, 2007.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_.; BENKENSTEIN, Arnoldo. Análise de redes sociais em blogs de Pessoas com Necessidades Especiais (PNE). **Novas Tecnologias na Educação**, v. 5, p. 1-12, 2007.

PAULO, Ceris A.; TIJIBOY, Ana V. Inclusão digital de pessoas da terceira idade através da educação à distância. **Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1-11, maio 2005.

PEIXOTO, C.; CLAVAIROLLE, F. **Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

PINHO, J. B. **Relações públicas na Internet: técnicas e estratégias para informar e influenciar públicos de interesse**. São Paulo: Summus, 2003.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANDINI, Silvana. Website: um canal de informação e relacionamento com clientes. In: DORNELLES, Souvenir Maria Graczyk (Org.). **Relações públicas: construindo relacionamentos estratégicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. v. 2. p. 77-90.

VIEIRA, Iúta Lerche. Tendências em pesquisas em gêneros digitais: focalizando a relação oralidade/escrita. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Orgs.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-29.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 1967.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Life expectancy**. [s. l.], 2009. Disponível em: <<http://apps.who.int/ghodata/?vid=710>>. Acesso em: 07 set. 2011.